

**DE CUMAS AO PALATINO: O DEUS APOLO
COMO VETOR DE INTERSECÇÃO TEMPORAL
NA ÉCFRASE VIRGILIANA***

*Thiago Eustáquio Araújo Mota***

Resumo: *Composta entre 29 e 19 a.C. por Publio Virgílio Maro, a Eneida é um valioso testemunho literário sobre as intervenções urbanísticas, operadas por Otávio, em Roma e sobre as novas configurações atribuídas ao culto apolíneo. Apesar de o tempo da ação, na epopeia, estar ancorado no passado heroico, pré-fundacional romano, inúmeras sendas temporais se abrem na narrativa, permitindo aos ouvintes/leitores discernir acontecimentos do passado recente. O presente artigo tem por objetivo analisar as descrições poéticas dos santuários de Apolo (Cumae e Palatino), respectivamente situados nos Livros VI e VIII da Eneida, compreendidas como importantes liames de intersecção temporal entre o passado heroico e o tempo do poeta. Busca-se compreender como a écfrase poética dos monumentos, atrelada à narrativa heroica, contribui para a perpetuação da memória triunfal do Ácio e a ideia de destino manifesto.*

Palavras-chave: *Eneida; Écfrase; Cumae; Templo de Apolo Palatino; Batalha do Ácio.*

**FROM CUMAE TO PALATINE: APOLLO AS A VECTOR OF
TEMPORAL INTERSECTION IN VIRGILIAN EKPHRASIS**

Abstract: *Composed by Publius Vergilius Maro between 29 and 19 BC, the Aeneid is a valuable literary testimony about the urban interventions operated by Octavian in Rome and the new configurations of the apollinean cult. Although the epic's action is anchored in the heroic, pre-foundation Roman past, countless temporal rifts open up in the narrative, allowing listeners/readers to discern events from the recent past. This article aims to analyze the poetic descriptions of the Apollo sanctuaries (Cumae and Palatine), respectively located in Books VI and VIII of the Aeneid, understood as sig-*

* Recebido em 30/03/2023 e aprovado em 29/05/2023.

** Professor Adjunto de História Antiga da Universidade de Pernambuco (UPE). Coordenador do GEEPA – Grupo de Estudos sobre Épico e Performatividade na Antiguidade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8199-9594>.

nificant temporal intersections between the heroic past and the poet's time. We seek to understand how the poetic ekphrasis of the monuments, linked to the heroic narrative, contributes to the perpetuation of the triumphant memory of Actium and the idea of manifest destiny.

Keywords: *Aeneid; Ekphrasis; Cumae; Temple of Apollo Palatinus; Battle of Actium.*

Estreitamente associado ao domínio da música e da poesia, mas também às artes proféticas e à cura, Apolo é uma das divindades mais polivalentes e conhecidas da mitografia clássica. Com a expansão do território romano e a proximidade geográfica das colônias da *Magna Graecia*, a cultura e religião helênicas exerceram forte influência sobre a sociedade romana, levando à incorporação de divindades e semideuses ao panteão e à mitografia romana. Apolo foi um dos deuses gregos amplamente venerados em Roma, em especial, durante o governo de Augusto, que fez dele um símbolo de renovação cósmica e o associou, indiretamente, ao poder imperial.

Nas últimas três décadas, parte da historiografia, estrangeira e nacional, tem se debruçado sobre o destaque dado ao culto apolíneo (sobretudo Apolo Palatino e Apolo Ácio) em Roma pela produção poética, moedas e monumentos oficiais, tendo em vista o recorte temporal que vai do Segundo Triunvirato (43 a.C. - 33 a.C.) ao Principado de Augusto (27 a.C. - 14 d.C.). A esse respeito, cabe citar o trabalho de Alan Robert Gurval, *Actium and Augustus: The Politics and Emotions of Civil War* (1995); *Apollo, Augustus, and the Poets* (2009), do classicista J. F. Miller e o livro intitulado *Res Publica Constituta: Actium, Apollo, and the Accomplishment of the Triumviral Assignment* (2009) de Carsten Hjort Lange.

No âmbito nacional, merecem destaque o livro de Paulo Martins, *Imagem e Poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto* (2011) e a Tese de Doutorado de Macsuelber de Cássio Barros da Cunha, *Aspectos da Arquitetura Romana no Governo de Otávio Augusto: Construção e Perpetuação da Memória nos Templos de Apolo Palatino e de Marte Vingador (Séc. I a.C.)* (2020) que dialoga com as mais recentes pesquisas arqueológicas realizadas no complexo do Palatino. De um modo geral, os estudiosos se voltaram à árdua tarefa de elucidar os usos políticos e propagandísticos do culto apolíneo, a partir da associação da figura de Otávio com a divindade.

Ao apoio do deus tutelar, o herdeiro de César atribui os vários suces-

sos de sua escalada político-militar, sobretudo, as vitórias sobre Sexto Pompeu, em Nauloco (36 a.C.), e sobre Marco Antônio e Cleópatra (31 a.C.) no Ácio. Transformado em memória triunfal (HÖLSCHER, 2006, p. 27) a partir da fundação da Nicópolis e do Arco de Otávio, no Fórum Republicano, o evento do Ácio foi também celebrado pelos poetas da geração de Virgílio, como Horácio e Propércio. Para Alan Gurval, os poetas do círculo de Mecenas foram peça-chave na construção do que este autor denomina “ideologia pública” augustana (GURVAL, 1995, p. 17). Em especial, a publicação da *Eneida*, a partir de 19 a.C., foi determinante para conferir ao evento do Ácio, ampla notoriedade no Principado de Augusto, que passou a figurar “na consciência pública romana como um momento crítico da história coletiva e da cultura nacional” (GURVAL, 1995, p. 246). Guardadas as devidas críticas à hipertrofia da influência virgiliana na tese de Gurval e sua percepção instrumental dos poetas, a *Eneida* é, por si só, um valioso documento histórico literário para refletirmos como os eventos coetâneos ao poeta de Mântua foram capturados e adequados à linguagem da Épica.

Apesar de o tempo da ação, na epopeia, estar ancorado no passado heroico, pré-fundacional romano, inúmeras sendas temporais se abrem na narrativa, permitindo aos ouvintes/leitores discernir acontecimentos do passado recente. Dessa maneira, Virgílio propicia uma inversão de perspectiva ao retratar o presente a partir das lentes do passado heroico, provocando um singular efeito de diluição temporal na epopeia (MOTA, 2015, p. 174-193). O presente artigo tem por objetivo analisar as *descriptions* poéticas dos santuários de Apolo (Cumas e Palatino), respectivamente situados nos Livros VI e VIII da *Eneida*, compreendidas como importantes liames de intersecção temporal entre o passado heroico e o tempo do poeta. Busca-se compreender como a éfrase poética dos monumentos, atrelada à narrativa heroica, contribui para a perpetuação da memória triunfal do Ácio e a ideia de destino manifesto.

Por meio da vivacidade descritiva, o poeta (ou orador) procurava colocar o acontecido (ou o ausente) na presença do público interlocutor. Segundo Ruth Webb, no livro *Ekphrasis, Imagination and Persuasion in Ancient Rhetorical Theory and Practice*, o que se esperava da potência verbal do orador ou do poeta (*uates*) era que fosse capaz de manipular e utilizar, a seu favor, a galeria mental de seus ouvintes (WEBB, 2009, p. 131-135). Webb destaca que não podia haver uma dissonância entre o orador, o público e o repertório de signos compartilhados. Nesse sentido, a éfrase

(em latim: *descriptio*) é um recurso utilizado para enriquecer a *narratio* e estimular essa galeria mental compartilhada, possibilitando a visualização do acontecido por meio de palavras (WEBB, 2009, p. 131-135). Como excertos emblemáticos desta técnica, na *Eneida* é possível citar a descrição das cenas pintadas no friso do Templo de Juno, em Cartago, a descrição das portas do Templo de Apolo, em Cumas, e, sobretudo, as cenas gravadas por Vulcano no escudo de Enéias (VIRGÍLIO. *Eneida* I, vv. 464-494; VI, vv. 20-34; VIII, vv. 608-731).

No que é possível inferir do levantamento da documentação literária, a incorporação de Apolo ao panteão romano remonta ao Século V a.C. Neste processo, conservou-se o nome de culto originário da divindade o que configura, segundo Jacqueline Champeaux, uma marca indelével desta mecânica de assimilação religiosa (CHAMPEUX, 2002, p. 61-62). O mais antigo templo de Apolo em Roma, até então conhecido, foi erigido nas imediações do *Circus Flaminius*, fora do *pomerium*. De acordo com a *História Romana* de Lívio, o voto de sua construção data de 433 a.C. e sua dedicação teria ocorrido em 431 a.C. pelo Cônsul em exercício no momento, Caio ou Cneu Júlio Mentão (em latim: *C. Iulius Mento*), (TITO LÍVIO. *História Romana*, IV, 25, 03; IV, 29, 07). O culto foi introduzido em razão de uma epidemia devastadora que causou incontáveis baixas na população do período, dessa forma, por ter debelado a peste, Apolo recebeu o epíteto de *Medicus*. A data original de sua dedicação passou a figurar no calendário festivo como 13 de Julho (ou *Quintilis*, no calendário pré-juliano), ocasião em que se comemoravam os *Ludi Apollinares* (RICHARDSON, 1992, p. 12). Segundo o *New Topographical Dictionary of Ancient Rome*, o templo original localizava-se em algum lugar entre a Piazza Campitelli e o Teatro de Marcelo (RICHARDSON, 1992, p. 12). As sofisticadas colunas coríntias, lavradas em mármore de *luna*, bem como as seções do entablamento que sobreviveram remontam à fase de sua restauração por Caio Sócio, antigo partidário de César e Cônsul no ano de 32 a.C. (CARTLEDGE, 2010, p. 278). Além disso, o Templo de Apolo Médico foi um dos lugares preferidos para as reuniões do Senado, especialmente, as solenidades que recebiam as embaixadas estrangeiras e os debates concernentes aos triunfos.

Divindade pan-helênica, além de guardião da arte divinatória e inspiração oracular, Apolo era também conhecido como o deus dos poetas e musicistas e, como potestade solar, foi assimilado a Hélios (CHAMPEUX, 2002, p. 62). Jacqueline Champeaux destaca que a apropriação deste culto estran-

geiro não deixou de seguir o princípio geral da adoção seletiva visto que os romanos, em nenhum momento, admitiram qualquer forma de oráculo ou divinação inspirada em seu território urbano (CHAMPEUX, 2002, p. 62).

A despeito da existência de oráculos oficiais, em atividade, na Península Itálica, como a Fortuna de Praeneste (atual Palestrina), por exemplo, Roma não acolheu nenhum tipo de prática divinatória inspirada em seu território urbano. Em algumas circunstâncias pontuais, delegações foram enviadas para consultar o oráculo de Delfos, famoso santuário de Apolo, na Fócida e os oráculos sibilinos (*Fata Sibyllina*) mantidos sob o controle do Estado. O início da relação de Roma com a cidade de Cumas, na *Magna Graecia*, é difícil de precisar cronologicamente. De acordo com a tradição historiográfica, um dos Tarquínios adquiriu a peso de ouro os livros sagrados contendo as profecias inspiradas da sacerdotisa de Apolo, em Cumas: a Sibila (DIONÍSIO DE HALICARNASSO. *História Roma*, IV, 62). Conhecidos como Livros Sibilinos, estes registros foram depositados em uma das salas subterrâneas do Templo de Júpiter Ótimo Capitolino. Em um período posterior, Augusto demandou uma triagem rigorosa destes escritos, descartando aqueles livros espúrios ou suspeitos de falsificação, além da transferência permanente dos Livros Sibilinos para o Templo de Apolo Palatino.

Paralelo ao culto dedicado em Roma, a figura do deus Apolo se fez presente também na poesia, em particular, na poesia épica. Composta entre 29 e 19 a.C. por Publio Virgílio Maro, a *Eneida* é um importante testemunho literário sobre as intervenções urbanísticas, operadas por Otávio, na capital e sobre as novas configurações do culto apolíneo. Apolo é uma das divindades mais citadas na epopeia virgiliana. Seu papel é sobretudo profético e, na estrutura do poema, está estreitamente vinculado à mecânica das prolepses, o que marca também uma diferença significativa com os *Poemas Homéricos*. Em poucos momentos, no tempo da ação épica, a divindade desce ao plano humano ou, como na *Iliada*, toma parte ativa nas batalhas travadas no Lácio.

As intervenções do deus são raras, pontuais e acontecem na forma de assistência em resposta às súplicas dos mortais. O mais conhecido destes episódios encontra-se no Livro IX, na passagem em que o deus assiste ao desempenho de Ascânio/Iulo com o arco e prestigia a primeira façanha militar do filho de Enéias: o disparo certo contra o rútilo, Numano (VIRGÍLIO. *Eneida*, IX, vv. 638-663). Na ocasião, o jovem lidera o acampamento troiano e Apolo toma a forma do velho Butes, antigo escudeiro

de Anquises, para aconselhar Ascânio a se contentar com a vitória sobre o oponente e se esquivar da batalha (VIRGÍLIO. *Eneida*, IX, vv. 652-656). Da mesma forma, o deus guia a flecha do guerreiro etrusco, Arrunte, que promete a Apolo, guardião do monte Soracte, os espólios de Camila, rainha dos volscos (VIRGÍLIO. *Eneida* XI, vv. 794-798). Promessa que não pode ser atendida uma vez que este guerreiro é abatido por Ópis, ninfa encarregada por Diana de proteger o cadáver de Camila.

A qualidade de Apolo como *medicus* é indiretamente evocada no episódio em que Enéias é ferido por uma seta e requisita a intervenção do cirurgião Iápis para curá-lo (VIRGÍLIO. *Eneida* XII, vv. 391-405). No entanto, toda a perícia do aprendiz do deus é em vão e seus esforços não conseguem remover o projétil cravado fundo na coxa do herói. No estilo homérico, compete à ingerência de Vênus a ação que subtrai o filho da morte atroz, ao curá-lo com uma combinação de ambrosia e dictamo, colhido no monte Ida (VIRGÍLIO. *Eneida* XII, vv. 411-429).

Em geral, na *Eneida*, Apolo acompanha o desdobramento das tragédias e aflições humanas de longe e, quando muito, intervém no itinerário dos exilados troianos por meio de mensagens oraculares que, nem sempre, são corretamente decodificadas. Um exemplo disso é a interpretação de Anquises sobre a mensagem do oráculo do deus, em Delos, que resulta no estabelecimento infrutífero dos troianos em Creta. A voz profética de Apolo se manifesta não apenas por meio dos vates declarados do deus, como Heleno, em Butroto (III, vv. 358-462) e da Sibila, em Cumas, mas também por intermédio dos sonhos (III, vv. 154-171) e da profecia da harpia Celeno, nas ilhas Estrófadas (VIRGÍLIO. *Eneida* III, vv. 246-258).

No que concerne à rota de Enéias até as praias do Lácio, vale destacar um ponto de paragem que cumpre uma importante função etiológica na narrativa e coloca em relação os vários santuários apolíneos, na epopeia. Virgílio conduz os troianos por cenários que, de forma intertextual, remetem ao périplo de Odisseu (Ítaca e a ilha dos Feácios) e outros que abarcam a dimensão da memória contemporânea ao poeta, como é o caso do Ácio, no Golfo Ambrácio (VIRGÍLIO. *Eneida* III, v. 272; 291). Nas imediações do templo de Apolo, em 31 a.C., as forças de Marco Antônio e Cleópatra enfrentaram a esquadra de Otávio e Agripa. Nessas praias, os troianos competem ao estilo grego, nus e com os corpos untados de azeite (VIRGÍLIO. *Eneida* III, vv. 280-282). Enéias dedica nas portas do templo o escudo (*clipeus*) de Abantes com a seguinte inscrição: “*Aeneas haec de*

Danais uictoribus arma”, isto é, “Enéias por troféu aqui pendura estas armas dos Dânaos Vencedores” (VIRGÍLIO. *Eneida* III, v. 288. Trad. José Victorino Barreto Feio). Com a visita de Enéias às praias do Ácio, o poeta constrói uma genealogia para o santuário de Apolo (Leucate ou Ácio)¹ e para os *Ludi Actiaci*² ao inseri-los no passado heroico. Sugere-se, também, uma relação de intertextualidade com a éfrase do escudo de Enéias (Livro VIII), ilustrado por Vulcano com cenas da história romana, visto que, o eixo do escudo é preenchido com o quadro da batalha do Ácio. Sobre os *Ludi Actiaci*, instituídos ou reorganizados por Otávio, como forma de celebrar a vitória sobre Cleópatra e Marco Antônio, Suetônio destaca o seguinte:

Quoque Actiacae victoria memoria celebratior et in posterum esset, urbem Nicopolim apud Actium condidit ludosque illic quinquennales constituit et ampliato vetere Apollinis templo locum castrorum, quibus fuerat usus, exornatum navalibus spoliis Neptuno ac Marti consecravit. (SUETÔNIO. *Vida do Divino Augusto*, 18).

Para que a memória da batalha do Ácio ainda fosse celebrada no futuro, fundou a cidade de Nicópolis perto desse local e fez realizar aí jogos quinquenais; ampliando o velho templo de Apolo, consagrou a Netuno e a Marte o local do acampamento que utilizara, ornando-os com espólio navais. (Trad. de Matheus Trevizam e Paulo Sérgio Vasconcellos).

Tendo em vista que um santuário de Apolo nesta região do Golfo Ambrácio é noticiado tanto por Tucídides quanto por Estrabão, é plausível supor que um antigo festival grego/epirota foi reconfigurado para comportar a dimensão desta memória triunfal romana (TUCÍDIDES. I, 29; ESTRABÃO. *Geografia*, VII, 7). Segundo Dion Cássio, os *ludi* que aconteciam em Nicópolis contavam com agones musicais, competições atléticas e corridas de bigas e quadrigas (DION CÁSSIO. *História Romana*, LI, 1-4). Virgílio, ao inserir este ponto de desembarque para os troianos no litoral do Ácio – que competem ao estilo grego e consagram espólios, no Templo de Apolo – confere amplitude temporal a uma competição que, muito provavelmente, foi reinaugurada e passou a constar no calendário festivo romano não muito tempo depois de 31 a.C. Da mesma forma, o episódio da chegada de Enéias ao litoral itálico desvela uma etiologia para o Templo de Apolo Palatino, dedicado por Otávio em 28 a.C.

Importante divisor de águas na narrativa da *Eneida*, o Livro VI abrange, em sua quase totalidade, o episódio do *descensus* de Enéias ao Mundo dos Mortos, cujo acesso ocorre pelo lago Averno, localizado nas imediações de Cumas. O herói baixa ao reino das sombras com o propósito de encontrar o espectro do pai, Anquises, nos Campos Elíseos, que o instrui sobre o destino da prole troiana em terras itálicas e o prepara para os desafios que enfrentará no Lácio (VIRGÍLIO. *Eneida* VI, vv. 666-892). O colóquio com a Sibila, guia de Enéias pelos espaços do Orco, acontece logo no começo do sexto livro, quando o troiano recebe da sacerdotisa orientações para adentrar o reino de Plutão. Dessa forma, Virgílio descreve a cidadela de Cumas com o Templo de Apolo:

*at pius Aeneas arces quibus altus Apollo
praesidet horrendaeque procul secreta Sibyllae,
antrum immane, petit, magnam cui mentem animumque
Delius inspirat vates aperitque futura.
iam subeunt Triviae lucos atque aurea tecta.*
(VIRGÍLIO. *Eneida* VI, vv. 9-13).

*Mas o piedoso Enéias se dirige
Ao templo a que preside o excelso Apolo
E ao retirado e oculto antro espaçoso
Da medonha Sibila; a quem o Délio
Profeta a grande mente e ânimo inspira
E descobre o porvir. E já de Trívia
Entram nos sacros bosques e áureos tetos.* (Trad. de José Victorino Barreto Feio).

Derivado do verbo *horreo* (levantar-se, eriçar-se), o adjetivo *horrenda*, atribuído à Sibila, remete ao terror de origem divina que provocava calafrios e infundia tremor e reverência nos mortais (FARIA, 1968, p. 454). Este mesmo sentido é reforçado pelo “frio tremor” – *gelidus tremor* – que a voz e aparência da profetiza, inspirada pelo deus, provoca nos teucros (VIRGÍLIO. *Eneida* VI, vv. 54-55). O adjetivo *delius* remete diretamente a Apolo, uma vez que a ilha de Delos, no arquipélago das Cíclades, referido como lugar de nascimento do deus, hospedava um dos seus principais santuários/oráculos. Na *Eneida*, este é um dos locais de refúgio e consulta oracular dos troianos, em sua peregrinação pelo mar. Por sua vez, *triuia* é um

dos epítetos de Diana, irmã de Apolo, associada, no imaginário religioso romano, também a Hécate, potestade dos entroncamentos e encruzilhadas (GLARE, 1968, p. 1978-1979).

Por mais que Virgílio tivesse passado parte de sua existência radicado na baía de Nápoles, não se pode tomar o excerto acima como uma descrição precisa da geografia de Cumas (*Vida de Virgílio*, XI-XIII). A construção virgiliana da paisagem pode agregar monumentos que geograficamente deveriam estar dispersos na Antiguidade, como a acrópole e o recinto fechado do Templo, a gruta da Sibila e os bosques sagrados de Diana (CLARK, 1991, p. 63). De acordo com o classicista Raimond J. Clark, no artigo “Vergil’s Treatment of Cumaean Geography”, por meio deste efeito aglutinativo, o poeta lança uma “espécie de manto holístico sobre selecionadas feições da paisagem”, o que resulta em uma descrição ao mesmo tempo “familiar e verossímil” para o público de leitores/ouvintes (CLARK, 1991, p. 63).

Cumas é considerada uma das mais antigas *apoikiai* gregas estabelecidas na costa tirrênica. A cidade foi fundada por colonos de Cálcis e da Eubéia, no início do Século VIII a.C., bem em frente à atual ilha de Ischia, que hospedava, no período em questão, um pujante *emporion* para a comercialização do minério de ferro, denominado *Pithekusai*. A cidadela de Cumas contava, já no período Arcaico, com dois grandes edifícios de culto que foram reestruturados no período Augustano/Júlio-Claudiano, inclusive, no que diz respeito ao seu eixo de orientação: o mais alto, situado na extremidade noroeste, é atribuído a Zeus e o templo de Apolo, assentado em uma plataforma mais baixa, localizava-se na parte sudeste da cidadela (DE FRANCISCIS, 1981, p. 953; LA TORRE, 2011, p. 164). A identificação deste último tem por base o posicionamento da estrutura e de uma inscrição votiva, datada do período de Adriano, que menciona o Templo de Apolo em Cumas (CLARK, 1991, p. 62; LA TORRE, 2011, p. 164; CIL, X, 211).

Não se conhece ao certo a função da estrutura subterrânea, um amplo corredor talhado na rocha, que foi escavado pela equipe do arqueólogo italiano, Amadeo Maiuri, em 1932, e que ficou conhecida como “*Antro della Sibila*”. Este *dromos*, com cento e quarenta metros de extensão, é cortado por aberturas e corredores laterais e está ligado a um conjunto de cisternas. A associação desta passagem subterrânea com a “enorme caverna das cem portas amplas e cem caminhos subterrâneos”, descrita por Virgílio, e que fazia ecoar as profecias da Sibila, várias vezes foi sugerida (VIRGÍLIO. *Eneida* VI, vv. 42-43). Com base na técnica de entalhe, Maiuri datou o

complexo entre os Séculos VI e V a.C., enquanto o pesquisador C. G. Hardie (1969) atribuiu sua construção a Aristódemos, tirano de Cumas, que promoveu cultos de apelo popular como forma de contraponto ao monopólio religioso dos aristocratas (DE FRANCISCIS, 1981, p. 954). De acordo com Richard C. Monti, no artigo “The Identification of Vergil’s Cave of the Cumaean Sibyl in “Aeneid 6”, este complexo subterrâneo foi englobado na reformulação das estruturas defensivas de Cumas e da região de *Campi Flegrei*, durante a Guerra contra Sexto Pompeu (MONTI, 1994, p. 33-34).

Ao alcançar a cidadela, o herói troiano se detém para contemplar as cenas esculpidas nas portas do Templo de Apolo, cujo trabalho refinado o poeta atribui ao arquiteto ateniense, Dédalo. Considerando as múltiplas variantes do mito de Dédalo, a *Eneida* é o documento literário mais antigo a introduzir Cumas na rota de fuga do célebre construtor do labirinto (GALINSKY, 2009, p. 73). Este foi o primeiro local a pousar depois que conseguiu escapar das prisões de Minos. Dédalo consagrou seus “remos alados” a Apolo e edificou o Templo como forma de compensar a proteção do deus. As cenas gravadas são um apanhado das memórias de Dédalo inseridas no repertório denominado “ciclo de Teseu”: o episódio da morte de Andrógeo, filho de Minos (VI, v. 20); o sacrifício anual dos atenienses (VI, vv. 21-22); os amores proibidos de Pasífaa (VI, v. 25); o nascimento do Minotauro (VI, v. 26); a construção do Labirinto (VI, v. 27); a cega paixão de Ariadne e a fuga de Teseu com o apoio da artimanha de Dédalo (VI, v. 29). Por meio de uma apóstrofe dramática, Virgílio realça o trecho do trabalho escultórico que permanece inconcluso: “Tu também parte excelsa terias nessa obra, Ícaro, no monumento soberbo se a dor o deixasse” (VIRGÍLIO. *Eneida* VI, vv. 30-31). De acordo com Karl Galinsky, esta éfrase tem como característica marcante ser uma sequência pictórica na qual o artista representa suas próprias vicissitudes, provavelmente, consiste no único exemplar na literatura latina (GALINSKY, 2009, p. 74).

No artigo “The Labyrinth on The Cumaean Gates and Aeneas’ Scape from Troy”, Bonnie Catto traça um interessante paralelo entre a éfrase das cenas esculpidas nas portas do templo de Apolo e a jornada dos teucros pelo Mediterrâneo, compilada nos cinco primeiros livros da epopeia. Da mesma forma que Dédalo, na condição de prófugo, Enéias traça sua própria rota para fora do labirinto, sendo atormentado pela memória pungente daqueles que abandonou. Segundo Catto, o labirinto não é apenas uma metáfora para a descida ao Averno, mas simboliza as labirínticas vagâncias

do herói na procura pela nova Troia (CATTO, 1988, p. 74). A reprimenda da Sibila ao troiano – *Non hoc ista sibi tempus spectacula poscit!* (não é o momento de entreterdes com tais espetáculos!) –, que se demora ao fitar estarrecido as imagens do templo, pode ser compreendida como uma admoestação para Enéias deixar as memórias do passado e manter o foco em sua missão fundadora (VIRGÍLIO. *Eneida* VI, v. 36. CATTO, 1988, p. 75).

Tal como a obra de Dédalo, Enéias promete a Apolo um templo suntuoso de mármore e festividades anuais, como forma de retribuir a assistência do deus em sua jornada até o Lácio.

*tuque, o sanctissima vates,
praescia venturi, da (non indebita posco
regna meis fatis) Latio considerare Teucros
errantisque deos agitataque numina Troiae.
tum Phoebos et Triviae solido de marmore templum
instituum festosque dies de nomine Phoebi
te quoque magna manent regnis penetralia nostris:
hic ego namque tuas sortis arcanaque fata
dicta meae genti ponam, lectosque sacro
alma, viros. Foliis tantum ne carmina manda,
Ne turbata uolent rapidis ludibria uentis;
ipsa canas oro. (VIRGÍLIO. *Eneida* VI, vv. 65-76).*

*E tu, santíssima vate, presciente das coisas futuras,
dá – não te peço o indevido – esse reino, promessa dos Fados,
no Lácio ameno fixar nossos numes, os deuses errantes,
tão perseguidos e alfim repatriados ao solo de origem.
Então, um templo de mármore à Trívia e a ti, Febo, suntuoso,
Dedicarei, e anualmente, festejos em honra de Febo.
A ti também, profetisa, um santuário reservo admirável,
Para guardar teus oráculos secretos e os Fados previstos
Da minha gente, e ministros seletos darei a eles todos.
Só não confies a folhas teus carmes, deixando-as que ao vento
Voem jogados daqui para ali; tu, somente, os dirás.
(Trad. Carlos Alberto Nunes)*

Sérvio Honorato, célebre comentador da obra virgiliana, identificou o templo descrito no excerto acima com aquele dedicado por Otávio no

Palatino: *tum phoebo et triviae ut solet miscet historiam: nam hoc templum in Palatio ab Augusto factum est* (SÉRVIO. *Comentários à Eneida*, VI, 69). O escoliasta ainda destaca que, na condição de herdeiro de Júlio César, alguém que costumava traçar suas origens até Enéias, estava apenas cumprindo as promessas realizadas pelos antepassados – *vult Augustum parentum vota solvisse* (SÉRVIO. *Comentários à Eneida*, VI, 69). O aspecto suntuoso desta construção, decorado em mármore de *Luna*, é destacado por outros poetas como Propércio – *claro surgebat mamore templum* – e Ovídio – *candida templa* –, que fazem coro ao comentário virgiliano sobre a fisionomia do edifício *solido de marmore templum* (PROPÉRCIO. *Elegias*, II, 31, 9; OVÍDIO. *Tristezas*, III, 1, 60; VIRGÍLIO. *Eneida* VI, v. 69).

De acordo com Macsuelber Barros da Cunha, para além do templo propriamente dito, a área apolínea era constituída por um complexo de edificações, todas contíguas à residência oficial de Otávio no Palatino, como o Pórtico das Danaides, duas bibliotecas (uma para volumes gregos e outra para obras latinas) e um bosque sagrado (CUNHA, 2020, p. 315-316). A decisão de consagrar o templo neste espaço teve como justificativa a queda de um raio em uma parte da propriedade de Otávio que ele havia concedido ao domínio público (DION CÁSSIO. *História Romana*, XLIX, 15.5). O fenômeno foi convenientemente interpretado pelo colégio dos arúspices como um prodígio que representava a reivindicação do deus pelo local (SUETÔNIO. *A Vida e os Feitos do Divino Augusto*, XXIX). Ainda de acordo com Sérvio – “os festejos em honra de Febo” – *festosque dies de nomine Phoebi* –, citados acima, são uma etiologia que o poeta construiu para os *Ludi Apollinares*, oficialmente, estabelecidos no calendário romano durante a Segunda Guerra Púnica.

Na promessa de Enéias é possível discernir, também, o evento da transferência dos Livros Sibílicos para o santuário de Apolo Palatino, acontecimento situado entre os anos 23 e 19 a.C. Originalmente, estes registros proféticos foram mantidos em um baú de pedra, e depositados em uma das salas do Templo de Júpiter Ótimo Máximo. Seu acesso era restrito aos membros do colégio sacerdotal conhecido, no período de Virgílio, como *quindecimviri sacris faciundis* e sua consulta era circunstancial, ou seja, apenas quando solicitada pelo Senado. Por “seletos ministros” – *lecti uiri* – nos versos acima, o troiano prenuncia a composição deste colégio sacerdotal responsável pela preservação e interpretação dos escritos proféticos. Inicialmente formado por apenas dois sacerdotes, este colégio foi am-

pliado até o número de quinze indivíduos no período de Sila (BELTRÃO, 2006, p. 143). Em decorrência do incêndio que atingiu o Templo de Júpiter Capitolino, em 82 a.C., embaixadores foram enviados para várias cidades da Península Itálica, Grécia e Ásia Menor com o propósito de recompor a seleção dos registros sibilinos. Conseqüentemente, uma quantidade vultuosa de falsificações passou a circular nas ruas de Roma a partir na segunda metade do Século I a. C. Suetônio informa que Otávio coordenou a busca, triagem e destruição de milhares de livros proféticos (em língua grega e latina) de “autores pouco idôneos”, inclusive entre os pretensos Livros Sibilinos (SUETÔNIO. *A Vida e os Feitos do Divino Augusto*, XXXI). No entanto, o historiador não menciona qual foi o critério, tão pouco os procedimentos utilizados nesta triagem, mas apenas que o *Princeps* confinou os originais em dois armários dourados, logo abaixo da estátua de Apolo Palatino (SUETÔNIO. *A Vida e os Feitos do Divino Augusto*, XXXI).

Com a expectativa de um novo templo, sacrário e sacerdotes, Enéias, no excerto analisado, eleva a dignidade dos vaticínios da Sibila que não mais estarão confiados às folhas perecíveis e jogadas ao vento. Este episódio em Cumas remete diretamente à éfrase de uma das cenas entalhadas no centro da égide do herói na qual Augusto recebe, no pórtico do Templo de Apolo, os tributos dos povos subjugados (VIRGÍLIO. *Eneida*, VIII, vv. 714-728). O poeta consagra a proteção apolínea como um *continuum* temporal, uma vez que se estende à prole do herói troiano. Enquanto na *Iliada* o escudo de Aquiles traz uma miniatura da Terra, com cenas da vida comum circundadas pelo ‘Rio Oceano’, no Escudo de Enéias temos um quadro central, a vitória triunfal de Ácio, orbitado por cenas periféricas retratando momentos diversos da história romana (HOMERO. *Iliada* XVIII, vv. 481-608; VIRGÍLIO. *Eneida* VIII, vv. 626-728). A *descriptio* do escudo de Enéias tem como ponto culminante este conflito, retratado à maneira de uma Titanomaquia, Gigantomaquia, e a cena triunfal com o possível Templo de Apolo Palatino, em destaque (VIRGÍLIO. *Eneida* VIII, vv. 671-713/714-728; HARDIE, 1986, p. 120-157). A batalha se desenrola também no plano divino: Vênus, Minerva e Netuno se embrenham na contenda contra as divindades egípcias (VIRGÍLIO. *Eneida* VIII, vv. 698-699). Neste interim, Apolo atuava contra os aliados de Antônio que batem em retirada,

*Actius haec cernens arcum intendebat Apollo
desuper.* (VIRGÍLIO. *Eneida VIII*, vv. 704-705)

*Observando estas coisas lá de cima,
o seu arco encurvava o Ácio Apolo.*

(Trad. José Victorino Barreto Feio)

O adjunto adverbial *desuper* – ‘de cima’ – pressupõe apenas a posição elevada do deus flecheiro em relação ao plano da batalha o que expande, por sua vez, o leque de probabilidades alusivas. Em primeira instância, podemos interpretar este verso como uma possível menção ao Templo de Apolo cultuado pelos gregos como *Ἄκτιακός* e localizado sobre o promontório de Ácio no noroeste da Arcânia (Grécia), situado à entrada do Golfo da Ambrácia. A éfrase da batalha do Ácio pode ser pareada em relação à outra passagem do poema, já citada antes, que ressalta a posição da divindade como protetora da linhagem de Enéias (VIRGÍLIO. *Eneida*, IX, vv. 638-663). A mesma passagem, em uma perspectiva intertextual, remete também aos *Poemas Homéricos* visto que, na *Iliada*, Apolo se condói com os agravos feitos ao sacerdote Troiano Crises pelo rei Agamemnon e baixa do Olimpo, armado de arco e aljava, levando a peste ao acampamento grego (HOMERO. *Iliada*, I, vv. 43-45). Ao fim da batalha épica, a procissão triunfal coroa o *Princeps* de glória, como favorito dos deuses, Roma acolhe com entusiasmo o general triunfante, enquanto a cidade está em festa

*omnibus in templis matrum chorus, omnibus arae;
ante aras terram caesi strauere iuuenci.
ipse sedens niueo candentis limine Phoebi
dona recognoscit populorum aptatque superbis
postibus.* (VIRGÍLIO. *Eneida VIII*, vv. 718-722).

*As ruas ressoavam; de matronas
Nos templos todos em coro, aras em todos;
Touros sacrificados ante as aras
Alastravam o chão. O próprio [César]
Sobre o níveo lumiar do argênteo Febo,
Sentado, os dons dos povos revistava
E dos soberbos postes os pendura*
(Trad. José Victorino Barreto Feio)

Era de praxe o general *triumphator* receber de representantes das populações subjugadas ‘dávivas’ que eram, em parte, revertidas para Júpiter e depositadas em seu templo no Capitólio. Como é possível perceber nas linhas citadas, o *Princeps* recebe os donativos no Templo de Febo como uma retribuição à assistência do deus na batalha do Ácio. Todavia, existe uma aparente discrepância cronológica visto que o Templo de Apolo no Palatino não havia sido dedicado até 28 a.C., ou seja, um ano depois do tríplice triunfo de Augusto. Esta informação aparece apenas em Virgílio, o que impede a metodologia de confronto com outras fontes literárias e dificulta averiguar o grau de manipulação poética dos eventos associados ao Tríplice Triunfo de Otávio.

Sobre a cena do escudo, algumas hipóteses podem ser conjecturadas: Virgílio pode estar descrevendo não o Templo de Apolo no Palatino (em fase de construção), mas o Templo de Apolo Sosiano, no Circo Flamínio, estritamente coligado ao percurso triunfal. Ademais, a cena do escudo não necessariamente diz respeito ao *gran finale* do Triunfo, uma vez que o poeta não propõe uma distinção precisa das etapas desta cerimônia. Para Mary Beard, no livro *The Roman Triumph*, este trecho consiste em uma recriação imaginária do Tríplice Triunfo de Otávio, que possivelmente deve ter culminado no Capitólio (BEARD, 2007, p. 270). Segundo John F. Miller, no livro *Apollo, Augustus and the Poets*, trata-se de um anacronismo deliberado que pode refletir a reordenação da topografia religiosa sob o Principado, destacando a proeminência do Templo de Apolo no Palatino³, com o intuito de torná-lo equivalente ou rival do ancestral Templo de Júpiter no Capitolino (MILLER, 2009, p. 74-75; 210). Quer se trate de uma livre interpretação poética da trajetória triunfal ou da compilação de eventos cronologicamente descontínuos, de qualquer maneira, Virgílio busca evidenciar para o interlocutor a vinculação entre os espólios de guerra e o favor divino, materializado na edificação de um dos templos mais suntuosos do período.

Ao reconstruir poeticamente o périplo dos refugiados troianos pelo Mediterrâneo, o poeta insere neste itinerário importantes santuários apolíneos que não apenas simbolizam a assistência divina à missão fundadora de Enéias, mas colocam em evidência a *pietas* do dileto ancestral dos *Iulii Caesares*. A nosso ver, a sofisticada justaposição de temporalidades é uma das peculiaridades estilísticas mais marcantes da *Eneida*, uma vez que possibilita ao poeta representar acontecimentos recentes do ponto de vista do passado heroico. Neste sentido, a presença do deus Apolo pode ser com-

preendida como um importante vetor de intersecção temporal na epopeia. Levando em consideração a história do mito de Enéias, o desembarque nas praias do Ácio e, posteriormente, em Cumas são possíveis adendos virgilianos à jornada do herói.

O episódio do Livro III em que espólios de guerra são depositados no santuário de Apolo Ácio, mais especificamente, um escudo (*clipeus*) epigrafado, antecipa a própria *descriptio* do escudo heroico (Livro VIII) cujo centro é decorado com a célebre batalha naval. Já o desembarque de Enéias em Cumas fornece uma criativa etiologia para o Templo de Apolo, dedicado por Otávio no Palatino, além de justificar a transferência da coletânea de oráculos sibílicos para este santuário. Este mesmo templo aparece no centro do broquel fabricado por Vulcano e permite ao público de leitores/ouvintes do poema reconhecer, em um recorte temporal diverso, a concretização da promessa feita por Enéias à Sibila. Na écfrase do escudo, tempo e espaço se fundem, em sucessivos quadros, para evidenciar a estrita colaboração das divindades no nascimento e perpetuação da *urbs*. Diferente das pinturas – *pictura* – do templo de Dido que suscitam memórias doloridas, pois evocam episódios da guerra de Troia, os quadros gravados no escudo forjado por Vulcano impulsionam Enéias à ação (VIRGÍLIO. *Eneida* I, v. 465; VIII, vv. 729-731).

Documentação escrita

DIO CASSIUS. *Dio's Roman History*. Trad. Earnest Cary. Harvard: Harvard University Press, 1924.

HOMERO. *Iliada*. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2002.

OVIDIO. *Tristezas – Pónticas*. Trad. Eulogio Baeza Angulo. Madrid: Akal, 2010.

PROPÉRCIO. *Elegias*. Trad., Introd. e Notas de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SERVIUS HONORATUS, M. *Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. Ed. Georgius Thilo and Hermannus Hagen. Leipzig: Teubner, 1881.

STRABO. *Geography*. Trad. H. C. Hamilton and W. Falconer. London: George Bell & Sons, 1903.

SUETÔNIO. *Vida do Divino Augusto*. Trad. Matheus Trevizam e Paulo Sérgio Vasconcellos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

- SUETONIUS. Life of Vergil. In: SUETONIUS. *Lives of Famous Men*. Trad. J. C. Rolfe. London: William Heinemann, 1914.
- TITO LIVIO. *Storia di Roma dalla Sua Fondazione*: Vol. 11. Trad. Marzia Bonfante. Milano: Fabri Editori, 2000.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Raul M. Rosado e M. Gabriela P. Granwehr. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. *Eneida*. Trad. José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva (Livros IX – XII). São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Referências bibliográficas

- BEARD, Mary. *The Roman Triumph*. Harvard: Harvard University Press, 2007.
- BELTRÃO, Cláudia. A Religião na Urbs. In: SILVA, Gilvan.; MENDES, Norma (orgs.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória: EDUFES, 2006.
- CATTO, Bonnie. The labyrinth on the Cumaean Gates and Aeneas' Escape From Troy. *Vergilius (1959-)*, The Vergilian Society, Avondale Estates, v. 34, p. 71-76, 1989.
- CHAMPEAUX, Jacqueline. *La Religione dei Romani*. Bologna: Il Mulino, 2002.
- CLARK, Raymond. Vergil's poetic treatment of Cumaean geography. *Vergilius (1959-)*, The Vergilian Society, Avondale Estates, v. 37, p. 60-68, 1991.
- CLARIDGE, Amanda. *Rome: an Oxford archaeological guide*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- CUNHA, Macsuelber. *Aspectos da arquitetura romana no governo de Otávio Augusto: construção e perpetuação da memória nos templos de Apolo Palatino e de Marte Vingador (séc. I a.C.)*. Tese (Doutorado em História) – PPGH, UFG, Goiânia, 2020.
- DE FRANCISCIS, Alfonso. Cuma. In: *Enciclopedia Virgiliana*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1984-1991. p. 951-954.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino português*. Rio de Janeiro: Gomes de Souza, 1962.
- GALINSKY, Karl. Aeneas at Cumae. *Vergilius (1959-)*, The Vergilian Society, Avondale Estates, v. 55, p. 69-87, 2009.

- GLARE, P. G. W (Ed.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1968.
- GURVAL, Robert Alan. *Actium and Augustus: the politics and emotions of Civil War*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.
- HARDIE, Philip. *Virgil's Cosmos and Imperium*. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- HORSFALL, Nicholas. *Virgil, Aeneid 03: a comentary*. Leiden/Boston: Brill, 2006.
- HÖLSCHER, Tonio. The Transformation of victory into power: from event to structure. In: DILLON, S.; WELCH, K. E (eds.). *Representations of war in Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 27-48.
- LA TORRE, Gioacchino Francesco. *Sicilia e Magna Grecia*. Archeologia della Colonizzazione Greca d'Occidente. Bari: Editori Laterza, 2018.
- MOTA, Thiago Eustáquio. *Deberi ad Sidera Tolli: a promessa de divinização na Eneida e a ancestralidade heroica dos Iulii*. Tese (Doutorado em História) – PPGH, UFG, Goiânia, 2015.
- MILLER, John. *Apollo, Augustus, and the Poets*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- LANGE, Carsten. *Res publica constituta: Actium, Apollo, and the accomplishment of the triumviral assignment*. Brill: Leiden, 2009.
- MARTINS, Paulo. *Imagem e poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- MONTI, Richard. The Identification of Vergil's Cave of the Cumaean Sibyl in «Aeneid» 6, *Vergilius (1959-)*, The Vergilian Society, Avondale Estates, v. 40, p. 19-34, 1994.
- MCKEY, A. G. Apollo. In: CORTE, F. (della). *Enciclopedia Virgiliana*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1984-1991. p. 220-222
- RICHARDSON, Lawrence. *A new topographical dictionary of Ancient Rome*. London: Johns Hopkins University Press, 1992.
- WEBB, Ruth. *Ekphrasis, imagination and persuasion in Ancient rhetorical theory and practice*. London: Ashgate, 2009.

Notas

¹ Para uma discussão aprofundada sobre a éfrase virgiliana do Golfo Ambrácio, especialmente, a aglutinação poética entre os santuários de Apolo em Leucádia e de Apolo Ácio (cf. HORSFALL, 2006, 119-120).

² Sobre a construção de Nicópolis e a reconstrução do templo de Apolo Ácio, conferir a tese de Macsuelber de Cássio Barros da Cunha, *Aspectos da Arquitetura Romana no Governo de Otávio Augusto: Construção e Perpetuação da Memória nos Templos de Apolo Palatino e Marte Vingador (Séc. I d.C)*, (CUNHA, 2020, p. 80).

³ Miller segue a interpretação de Sérvio para quem “o nível lumiar do argênteo Febo”, em referência na passagem citada, remete ao Templo de Apolo, no Palatino (SÉRVIO. *Comentários à Eneida*, VIII, 720).